

Rússia acusa Zelenski de querer guerra, mas negociação continua

Moscou indica que Zelenski só permanece na presidência por conta da guerra

O primeiro dia da segunda rodada de negociações diretas entre russos, ucranianos e americanos para tentar colocar um fim à guerra no Leste Europeu acabou nesta quarta-feira (4) sem avanços claros senão a continuidade das reuniões na quinta (5).

Já a animosidade entre as partes segue a mesma. O chanceler russo, Serguei Lavrov, que não está com a delegação de seu país em Abu Dhabi, afirmou que o presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski, não quer a paz no conflito iniciado por Vladimir Putin há quase quatro anos.

“Isso seria o fim da sua carreira política”, afirmou o diplomata, repetindo a visão corrente em Moscou de que Zelenski, cujo mandato expirou há quase dois anos, só se mantém no poder por causa do estado de sítio em vigor no seu país.

O ucraniano rechaça tal acusação, apontando para o fato de que apenas existe a ex-

ceção por causa da guerra. Ele chegou a oferecer a realização de eleições, o que depende de mudança legal, condicionando isso a um cessar-fogo.

Os russos não querem nenhuma trégua sem antes acertar os termos de um acordo de paz, e este é um dos nós que as delegações tentam desatar nos Emirados Árabes Unidos.

Há pontos quase insolúveis à mesa, como as cessões territoriais que Kiev não quer fazer e as garantias de segurança contra um novo ataque russo, que incluem uma força de paz europeia com apoio dos EUA, que Moscou descarta.

Zelenski teve uma boa notícia ainda nesta quarta, com a aprovação pelo conselho de chanceleres da UE (União Europeia) da elaboração de um empréstimo de quase R\$ 560 bilhões para ajudar a Ucrânia custear seus gastos nos próximos dois anos.

O acordo havia sido fechado em dezembro, mas ainda depen-



Zelenski rechaça acusações de estar interessado na manutenção da guerra para manter o cargo

dia de diversos detalhes burocráticos, que ainda estão sendo negociados a portas fechadas em Bruxelas, sede da UE. A

ideia de empregar as reservas russas congeladas no continente foi abandonada pelo temor de problemas legais.

Em campo, a violência continua. Os russos anunciaram a conquista de mais duas localidades no leste ucraniano. Não houve, contudo, repetição do mega-ataque aéreo da véspera, que rompeu a trégua prometida por Putin a Donald Trump de ações conta os sistema energético do vizinho.

O presidente americano disse que a pausa se devia ao rigoroso inverno deste ano no Hemisfério Norte, que tem deixado a Ucrânia com temperaturas na casa dos -20 graus Celsius à noite. O Kremlin não confirmou isso, dizendo que não atacaria para evitar azedar a reunião em Abu Dhabi - o que acabou não ocorrendo.

O presidente americano disse, segundo sua porta-voz, que não se surpreendia com o ataque russo, mas não tomou medida alguma em retaliação.

Trump tem o fim da guerra como uma prioridade propagandística desde o começo de seu segundo mandato, há um ano, e conseguiu mudar a realidade das negociações. Por ora, contudo, não parece perto de lograr sucesso.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Venezuela vive abertura econômica sob tutela dos EUA

Venezuelanos foram às ruas de Caracas na terça (3), um mês após o episódio em que Donald Trump cumpriu uma ameaça recorrente e ordenou uma ofensiva militar contra a Venezuela, que terminou com a captura do líder Nicolás Maduro e de sua esposa, Cilia Flores.

Nem todos marcharam pelo mesmo motivo. De um lado, apoiadores do chavismo pediam a libertação de Maduro em um ato e vigília convocados pelo regime, agora comandado por Delcy Rodríguez. Do outro, estudantes, integrantes da oposição e ex-presos políticos, agora libertados, pediam o avanço da proposta de anistia.

As manifestações refletem incertezas que pairam sobre o futuro da Venezuela -ainda que, neste último mês, o país tenha passado por mudanças até então impensáveis. Sob pressão de Washington, Ca-

racas anunciou mudanças na economia e começou a afrouxar a sua máquina de repressão.

O Parlamento da Venezuela aprovou uma reforma em sua lei de hidrocarbonetos, que regula a extração e o comércio de petróleo. O novo texto oferece mais garantias ao setor privado, cede o controle estatal da exploração e reduz impostos. Pouco depois de sua aprovação, os EUA anunciaram uma flexibilização do embargo que Trump impôs ao petróleo venezuelano em 2019.

“As mudanças no setor petrolífero aconteceram de maneira muito rápida. O chavismo sempre buscou desincentivar parcerias com capital privado e estrangeiro porque o petróleo e a PDVSA [estatal venezuelana do setor] são a galinha dos ovos de ouro da Venezuela. Quem controla isso, controla infraestrutura e política”, afirma Marsílea Gombata,



Situação política na Venezuela ainda é conflitante

professora de relações internacionais da Faap (Fundação Armando Álvares Penteado).

Em paralelo, EUA e Venezuela avançaram na retomada das relações, que tinham sido rompidas por Maduro em 2019. Washington não só tem planos para reabrir a embaixada americana no país, como Delcy recebeu o diretor da CIA, John Ratcliffe, em Caracas. A nova chefe da missão diplomática americana na Venezuela, Laura Dogu, também se reuniu com a líder interina na segunda-feira (2).

Mas nem tudo são afagos. Delcy adotou uma postura ao estilo morde e assopra, variando entre

uma retórica de enfrentamento a Washington, voltada para sua base de apoio, e um tom mais conciliatório, direcionado à comunidade internacional. O chefe da diplomacia americana, Marco Rubio, não demorou em alertar que a líder interina poderia ter o mesmo destino de Maduro se ela não se alinhar aos objetivos dos EUA.

“Delcy mantém o chavismo no poder, mas sob tutela clara dos EUA, especialmente de Trump. Então, ela não tem uma autonomia muito grande. O discurso mais agressivo contra Washington me parece um teatro político para manter parte da base chavista mo-

bilizada”, diz Gombata.

Outra mudança importante foi o anúncio da proposta de lei de anistia para centenas de prisioneiros no país, abrangendo casos de 1999 até hoje -ou seja, todo o período de gestões chavistas. O projeto também pretende transformar a prisão Hecóide, em Caracas, em um centro para esportes e serviços sociais. Grupos de direitos humanos denunciam o centro de detenção como um local de abuso de prisioneiros.

O anúncio ocorreu na esteira de um processo de libertação de presos políticos anunciado em 8 de janeiro. Até o momento, segundo dados da ONG Foro Penal, 344 pessoas foram libertadas, e 687 permanecem detidas. O chavismo fala em 600 libertados, mas sem informar uma lista de nomes.

Os detalhes do texto de anistia ainda não estão claros e há receio de que a medida também possa ser instrumentalizada e estendida para autoridades do regime. “Quando ela [Delcy] fala em anistia geral desde 1999, não está falando apenas das vítimas do Estado, mas também de membros do chavismo que precisam dessa anistia para não serem julgados e sofrerem penalidades”, diz Gombata.

Por Manoella Smith (Folhapress)